

A sua linha de pesquisa é a da “filosofia prática”, que encontra na bioética o seu sentido maior, pois estamos num tempo de mudanças e de ameaça *bio*: biotecnologia, biopirataria, biopoder, biodiversidade... Tradicionalmente, a Filosofia oficial no país tem se resumido a despender energia, tempo e dinheiro (público) em questões de ordem irrelevante, como discussões metafísicas desconectadas da realidade vivida; questões de lógica e analítica da linguagem que, em geral, não contribuem para a vida humana e para as questões graves enfrentadas hoje – existenciais, ecológicas, éticas, políticas. No concreto: pouca ética, pouca estética e muita especulação teórica. A filosofia prática aqui embebida busca trazer, com profundidade, dilemas éticos vividos, sem negar uma discussão com a tradição moral e com a própria metafísica – quando ela faz perguntas essenciais para o humano e seu sentido de vida na Terra. Sem desprezar a tradição ética, religiosa ou não, mas tomando posição crítica necessária na discussão com ela, o autor mostra como Hans Jonas é um filósofo atualizado, presente no drama contemporâneo e, ao mesmo tempo, sensível à dimensão de sentido maior – como no amor e na defesa da alteridade – da comunidade humana e sua dependência com a comunidade biótica, o planeta e as gerações futuras.

Os estudos sobre Hans Jonas e sua *Ética da Responsabilidade*, na linha dos ensaios críticos diante da civilização tecnológica, são uma tentativa de pensar antídotos e remédios para nosso tempo em crise e de avanço técnico-científico - na mesma proporção do aumento da degradação da qualidade de vida e da essência natural-humana. A urgência de um tempo assim, que já avançou o limite do primeiro Mal-estar da Civilização que Freud denunciava, faz com que lentamente a academia e as pesquisas nas áreas sociais e humanas, em especial, comecem a acordar para o alerta global e ético diante da crise: degradação ambiental pelo consumismo, corporação e mercado excludentes e dilapidadores, perda de valores, aumento vertiginoso de consumo de drogas, indústria da doença e remédios químicos, produtos supérfluos, mundo do descartável – quadro diante do qual alguns mestres falam em “tempos de degenerescência”.

É neste contexto que obras como esta - que tratam da ética, da bioética, do futuro das gerações, da saúde e o novo grito profético e de temor real diante do perigo - fazem-se imprescindíveis. O leitor tem nas mãos um filho do nosso tempo, que resgata formas de sabedoria numa discussão racional e de apelo ético profundo. Igualmente, uma obra importante dentro da filosofia ética, a qual está despertando de novo para sua vocação crítica, para a mudança de paradigmas, para o engajamento, para sair da cegueira brilhante e maquiavélica do nosso tempo. É com satisfação e alegria que recebemos, na academia brasileira e na sociedade pensante, a filosofia ética de Hans Jonas por meio das análises e focos trazidos pelo professor Flaviano Fonsêca - uma autoridade no pensamento de Jonas e um precursor em publicações brasileiras na área.

Prof. Dr. Marcelo L. Pelizzoli - UFPE

*

INTRODUÇÃO

Pensar a civilização tecnológica e seus equívocos à luz da reflexão ética é a tarefa mais importante deste livro. Estamos buscando a consolidação de um novo paradigma tanto para a Filosofia como para as ciências, neste tempo de mudanças ético-culturais e biopolíticas.

É cada vez mais comum nos rendermos às maravilhas da tecnologia, em que o seu alcance vai desde o mais básico da vida até a alta complexidade dos procedimentos biomédicos, por exemplo. Assim, nossa vida tende a ser programada e controlada pelo aparato tecnológico, a

ponto de podermos afirmar com segurança que *a Matrix*¹ pode vencer o jogo. Com outras palavras, parece que tudo está “dominado” pela máquina. É nesse contexto que surge a inquietação: é possível sair da *Matrix*? Restou algo para o ser humano decidir e criar? Há condições de possibilidade para o exercício da liberdade? Algumas respostas e tantos outros questionamentos você encontrará nesta obra que está em suas mãos.

O pensamento de *Hans Jonas* vem oferecendo uma oportunidade especial para que a Filosofia volte a ser algo mais que mera reflexão acadêmica. A Filosofia, em Sócrates, surge com o questionamento, e o seu pensar era uma atividade reflexiva, teórica, mas intrinsecamente vinculada a temas e questionamentos práticos. O motor da tradição filosófica é a Ética e a Política. Seguramente, a partir daí entendemos que esse envolvimento visceral do “filosofar” com questões práticas é, certamente, a parte essencial da tradição, algo fundante para os problemas/dilemas (Bio)Éticos contemporâneos.

Notemos primeiramente que os imperativos das éticas tradicionais² se tornaram insuficientes, pois o agir contemporâneo recebeu considerável impulso provocado pelo avanço da tecnologia moderna, que colaborou, por outro lado, para um vácuo ético. Tal vácuo, com efeito, engendra o vácuo do relativismo de valores do mundo contemporâneo. Daí se pergunta: o que nos servirá como bússola? Nesse contexto, o sucesso da avalanche cultural da técnica se converteu em ameaça e perigo de destruição para o ser humano e para a natureza como um todo. Diante dessa crise, a filosofia tem sido obrigada a repensar os seus princípios, bem como formular novos balizamentos éticos à luz dos dilemas morais emergentes.

Hans Jonas é, hoje, um dos filósofos mais importantes na crítica ao modelo tecnocêntrico de civilização e promotor dos princípios de precaução, da consideração com os seres não humanos e com as gerações futuras. O olhar ecológico e o resgate ético de Jonas são lapidares na construção de um novo paradigma que favoreça o surgimento de um futuro sustentável. O estatuto da ética contemporânea terá que se nos apresentar com força equivalente aos poderes que ela terá que regular. A exemplo da importância que a *phronesis* assumiu no pensamento aristotélico, em sua época, e que significa, antes de tudo, amor ao equilíbrio e ao senso de medida. Analogamente, é esse o grau de importância que a ideia de responsabilidade assume na filosofia jonasiana ao significar capacidade de agir por precaução, numa atitude de cuidado que antevê os riscos de destruição do ser humano em sua essência. Aqui, certamente, entra o poder de manipulação da engenharia genética como também a objetificação da natureza, enquanto seres vulneráveis. A nova ética, porque atravessada por uma racionalidade prática, busca agregar novas dimensões de responsabilidade não previstas pelas éticas ou leis chamadas de tradicionais.

Com base nesses pressupostos, esta obra tem como objetivo refletir sobre o sentido e os fundamentos que a ética da responsabilidade implica e, a partir daí, apontar para um novo paradigma em ética, e que aqui chamamos de *bioética da responsabilidade*³.

O modelo de fundamentação, seguido por Jonas na estruturação da ética da responsabilidade, é fundamentalmente marcado por uma pluralidade de tons. Dessa maneira,

¹Neste caso o filme *Matrix* ilustra bem a ideia céptica de que todas as nossas representações do mundo podem ser enganadoras e, mais, muitas vezes não temos maneira de o saber.

² Para Jonas são todas as éticas anteriores, até Kant e que são estritamente antropocêntricas e tinham apenas a preocupação em formar o homem justo para bem viver na sociedade. JONAS, 2006, p. 35.

³Esta é uma expressão nova que estamos usando para indicar uma bioética que engendra a ideia de responsabilidade, e, assim, atualiza o pensamento de Hans Jonas.

a nossa investigação filosófica, na busca dos prismas teórico-práticos para a *bioética da responsabilidade*, não segue uma interpretação polarizadora entre fundacionismo (éticas que partem de um fundamento único, por exemplo, o fundamento das diversas teologias onde tudo é atribuído à divindade e, portanto, o homem ao fazer uma aliança ele o aceita como único Deus e único Legislador) e o relativismo (éticas que negam qualquer adesão a princípios, pois toda decisão deve ficar a critério das circunstâncias e do indivíduo). Jonas não adotou tal postura; ao contrário, como veremos mais adiante, ele coadunou diversos elementos da tradição filosófica para a fundação da sua ética. Do ponto de vista metodológico, para estudar a ética da responsabilidade e, a partir dela, buscar inspiração para encontrarmos os elementos teóricos e práticos para a *bioética da responsabilidade*, seguiremos um itinerário muito peculiar. Inicialmente mostraremos as influências que Jonas sofreu, advindas da ética judaica, do racionalismo e da interpretação do homem com fim em si mesmo de Kant. Também destacaremos a influência da ontologia fundamental de Heidegger – como a concepção do homem como o pastor do ser e a defesa de um “fundamento sem fundo”. Com base nessa pluralidade de origens, pensamos que será sempre muito difícil vincular a ética prática, que defendemos, a uma única vertente, e classificá-la simplesmente como fundacionista em oposição ao subjetivismo e ao relativismo ético contemporâneo.

Assim, o primeiro capítulo destaca esse modelo plural de fundamentos como requisito para compor a base de sustentação da ética da responsabilidade, modelo que, naturalmente, se tornou a fonte inspiradora para a *bioética da responsabilidade*. Tal esforço põe a salvo a ideia de responsabilidade de um juízo apressado e fragmentário.

Com efeito, a nossa argumentação, no que se refere à disputa entre princípios “materiais” e “formais” ou “objetivos” e “subjetivos” da ação moral, se dispõe da seguinte forma: embora não seja possível negar certo aspecto de fundamentação teórica ao filósofo que nos inspira, entretanto, seria injusto reduzir a sua filosofia unicamente à perspectiva fundacionista e desconsiderar o seu esforço constante quanto à superação da unilateralidade e da abstração; isso porque a ética da responsabilidade “transita” entre a fenomenologia-hermenêutica, a dimensão subjetiva do ser (heurístico do temor), a metafísica, bem como por problemas e dilemas práticos que exigem um ajuizamento moral. Esse modelo plural de fundamentação é a razão pela qual não adotamos uma postura que se contraponha a um suposto exclusivismo fundacionista jonasiano com outras éticas contemporâneas de matizes histórico-culturais ou relativistas.

Convém afirmar que Jonas argumenta fundamentalmente em favor de um temor heurístico, advindo do risco da tecnologia moderna em escala planetária, isso porque não se conhecem todas as suas complexidades e consequências. Portanto, pergunta-se: é possível, através dessa antevisão da desfiguração do homem, chegar ao conceito de homem a ser preservado? Como deduzir as novas obrigações diante desse novo poder? Ele advoga ainda que não se trata apenas do destino do homem – sua sobrevivência física – mas da integridade e da sua essência. Partindo desse contexto, questionamos: a partir de quais fundamentos a ética da responsabilidade trataria de preservar ambas as dimensões? Ou ainda: como inferir um imperativo ético capaz de contemplar as duas instâncias? Quais elementos consubstanciam tal imperativo?

Outra questão importante diz respeito à justificativa de que tal ética extrapola a dimensão da intersubjetividade das éticas contemporâneas e, portanto, se deve estender até a metafísica – uma vez que apenas ela permite perguntas do tipo: Por que, afinal, homens devem estar no mundo? Qual a relação entre o imperativo incondicional e a seguridade da sua existência no futuro? Daí segue-se que a presente reflexão retoma, do ponto de vista ontológico, algumas antigas questões sobre a relação entre ser e dever, causa e

finalidade, natureza e valor, com o objetivo de bem fundamentar o pensamento do nosso filósofo.

Assim, a nossa leitura do pensamento de Hans Jonas quer, pois, entender como a ideia de responsabilidade, que emana de um sentimento e se exprime como um princípio é capaz de oferecer prismas teóricos e práticos para a estruturação de uma *bioética da responsabilidade*. Para isso é preciso ter presente: os limites das éticas tradicionais, o excesso de sucesso advindo do projeto baconiano, cuja expressão máxima se radica no saber como poder, o temor heurístico, a antecipação dos riscos e o cuidado para com os seres afetados pela ação objetificadora da tecnociência⁴ contemporânea.

Este livro está dividido em três capítulos e tem a sua âncora fundamental nas obras de Hans Jonas, especialmente em *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, por se tratar da sua obra mais importante, na qual desenvolve uma proposta para pensar a ética a partir de um prisma teórico e prático no cerne da civilização que fez a sua profissão de fé no poder técnico-científico.

O primeiro capítulo está dividido em duas partes: a primeira apresenta os traços mais importantes da vida de Jonas, bem como a sua trajetória acadêmica, que é marcada pela filosofia da *Existenz*, de Heidegger, e pela fenomenologia de Husserl. Essa trajetória tem início com os seus trabalhos sobre a gnose e, posteriormente, sobre a filosofia da biologia. A segunda parte trata de elucidar os elementos que inspiram, contextualizam e fundamentam a ética da responsabilidade. Retomando, são eles: o pensamento judaico, com a sua ética milenar; o pensamento de Kant, que busca elucidar os elementos do imperativo categórico e o ser humano como fim em si mesmo; a crítica à técnica de Heidegger, que Jonas transforma em questão ética.

O segundo capítulo apresenta o estabelecimento da ética da responsabilidade, ao abordar o conceito de responsabilidade, a problemática da era tecnológica/ biotecnológica com suas maravilhas, seus impasses e questionamentos, o vazio ético, a emergência de uma “nova” ética, os fundamentos e imperativos da ética da responsabilidade - condensado na fórmula: “Age de tal forma que as consequências de tua ação não interrompam a possibilidade de a vida continuar se manifestando em todas as suas expressões como hoje nós a percebemos”, e, por fim, alguns limites que se impõem à ética da responsabilidade.

O último capítulo, o terceiro, aborda os prismas a partir dos quais, a nosso ver, se deve pensar uma filosofia prática na era (bio)tecnológica. Preliminarmente, evidencia-se a importância de uma reflexão ética sobre os dilemas da realidade prática. E, mais, afirma-se que essa nova forma de a ética atuar tem construído um “novo saber” que, contemporaneamente, se chama de Bioética e que intitulamos de *bioética da responsabilidade*.

Com tal foco, o capítulo três opera a passagem de uma ética da responsabilidade para uma *bioética da responsabilidade*, a partir de três eixos fundantes: a história da bioética, a base filosófica e crítica - a dimensão epistemológica - da bioética e, por último, os dilemas éticos associados à necessidade de políticas públicas correspondentes. Com o objetivo de fundamentar e articular esse arcabouço, o capítulo três aborda os seguintes elementos: a equivalência entre ética aplicada, ética prática e Bioética; a amplitude e os limites da Bioética; a contemporaneidade da Bioética, incluindo a crítica ao principialismo, sua interface acadêmica e sua reflexão no Brasil; fundamentos da *bioética da responsabilidade*, quando

⁴ A compreensão do termo “tecnociência” aqui equivale ao que Gilbert Hottois sugere: “vínculo intrínseco, o verdadeiro entrelaçamento da técnica e da ciência, cujas características são a indissolubilidade dos pólos, o teórico, de um lado, e, do outro, o primado último da técnica sobre a teoria”. Cf. HOTTOIS, Gilbert. *Le signe et la technique*. Paris: Aubier Montaigne, 1984, p.60.

refletiremos sobre os pontos críticos da epistemologia de molde cartesiano - e a exigência de uma nova epistemologia para além do cartesianismo, ou seja, uma nova maneira de “como fazer” ciência -; e, por fim, aponta para a necessidade de elaboração de políticas públicas que possam dar efetividade a esse novo saber prático. Nesse ponto, por questão de objetividade, tratamos apenas de algumas sugestões dirigidas para políticas mais propriamente ligadas ao campo da saúde. Em assim sendo, as sugestões para políticas públicas com possibilidades de contemplar os demais problemas e dilemas bioéticos aparecem em aspecto mais geral.

Finalmente, o presente livro tem a pretensão de ampliar o debate, estimular a reflexão e a crítica a respeito da *bioética da responsabilidade*, sua concepção, seus desafios e suas proposituras, pois são os elementos mais caros à ética prática de Hans Jonas.